

Volumen 1 - Número 3 - Julio/Septiembre 2015

REVISTA
Ciencias de la Documentación

ISSN 0719-5753



Portada: Felipe Maximiliano Estay Guerrero

221 B
WEB SCIENCES

221 B WEB SCIENCES
SANTIAGO — CHILE

CUERPO DIRECTIVO

Directora
Carolina Cabezas Cáceres
221 B WS, Chile

Subdirectores
Rebeca Yáñez Fuentes
Eugenio Bustos Ruz
221 B WS, Chile

Editor
Juan Guillermo Estay Sepúlveda
221 B WS, Chile

Relaciones Pública e Internacional
Héctor Garate Wamparo
CEPU - ICAT, Chile

Cuerpo Asistente

Traductora: Inglés – Francés
Ilia Zamora Peña
Asesorías 221 B, Chile

Traductora: Portugués
Elaine Cristina Pereira Menegón
Asesorías 221 B, Chile

Traductora: Italiano
Cecilia Beatriz Alba de Peralta
Asesorías 221 B, Chile

Traductora: Sueco
Per-Anders Gröndahl
Asesorías 221 B, Chile

Portada
Felipe Maximiliano Estay Guerrero
Asesorías 221 B, Chile

COMITÉ EDITORIAL

Dra. Kátia Bethânia Melo de Souza
Universidade de Brasília – UNB, Brasil

Dr. Carlos Blaya Perez
Universidade Federal de Santa María, Brasil

Ph. D. France Bouthillier
MgGill University, Canadá

Dr. Juan Escobedo Romero
Universidad Autónoma de San Luis de
Potosí, México

Dr. Jorge Espino Sánchez
Escuela Nacional de Archiveros, Perú

Dra. Patricia Hernández Salazar
Universidad Nacional Autónoma de México,
México

Dra. Trudy Huskamp Peterson
Certified Archivist Washington D. C., Estados
Unidos

Dr. Luis Fernando Jaén García
Universidad de Costa Rica, Costa Rica

Dra. Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Universidade de Brasília, Brasil

Lic. Beatriz Montoya Valenzuela
Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú

Mg. Liliana Patiño
Archiveros Red Social, Argentina

Dr. André Porto Ancona Lopez
Universidade de Brasília, Brasil

Dra. Glaucia Vieira Ramos Konrad
Universidad Federal de Santa María, Brasil

Dra. Perla Olivia Rodríguez Reséndiz
Universidad Nacional Autónoma de México,
México

COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

Dr. Héctor Guillermo Alfaro López

Universidad Nacional Autónoma de México,
México

Dr. Eugenio Bustos Ruz

Asociación de Archiveros de Chile, Chile

Ph. D. Juan R. Coca

Universidad de Valladolid, España

Dr. Martino Contu

Universitá Degli Studi di Sassari, Italia

Dr. Carlos Tulio Da Silva Medeiros

Instituto Federal Sul-rio-grandense, Brasil

Dr. José Ramón Cruz Mundet

Universidad Carlos III, España

Dr. Andrés Di Masso Tarditti

Universidad de Barcelona, España

Dra. Luciana Duranti

University of British Columbia, Canadá

Dr. Allen Foster

University of Aberystwyth, Reino Unido

Dra. Manuela Garau

Universidad de Cagliari, Italia

Dra. Marcia H. T. de Figueredo Lima

Universidad Federal Fluminense, Brasil

Dra. Rosana López Carreño

Universidad de Murcia, España

Dr. José López Yepes

Universidad Complutense de Madrid, España

Dr. Miguel Angel Márdero Arellano

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência
e Tecnologia, Brasil

Lic. María Auxiliadora Martín Gallardo

Fundación Cs. de la Documentación, España

Dra. María del Carmen Mastropiero

Archivos Privados Organizados, Argentina

Dr. Andrea Mutolo

Universidad Autónoma de la Ciudad de
México, México

Mg. Luis Oporto Ordoñez

Director Biblioteca Nacional y Archivo
Histórico de la Asamblea Legislativa
Plurinacional de Bolivia, Bolivia
Universidad San Andrés, Bolivia

Dr. Alejandro Parada

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Dra. Gloria Ponjuán Dante

Universidad de La Habana, Cuba

Dra. Luz Marina Quiroga

University of Hawaii, Estados Unidos

Dr. Miguel Ángel Rendón Rojas

Universidad Nacional Autónoma de México,
México

Dra. Fernanda Ribeiro

Universidade do Porto, Portugal

Mg. Julio Santillán Aldana

Universidade de Brasília, Brasil

Dra. Anna Szlejcher

Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

Dra. Ludmila Tikhnova

Russian State Library, Federación Rusa



221 B
WEB SCIENCES

Indización

Revista Ciencias de la Documentación, se encuentra indizada en:



**CONTRIBUIÇÕES DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO
PARA A EPISTEMOLOGIA DO CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**CONTRIBUCIONES DE LA ORGANIZACIÓN Y REPRESENTACIÓN DEL CONOCIMIENTO
PARA CAMPO EPISTEMOLÓGICO DE LA CIENCIA DE LA INFORMACION**

Dra. Giovana Deliberali Maimone

Universidad de Sao Paulo, Brasil
gdmaimone@usp.br

Dra. Maria de Fátima Goncalves Moreira Tálamo

Universidad de Sao Paulo, Brasil
mfgmtala@usp.br

Fecha de Recepción: 13 de mayo de 2015 – **Fecha de Aceptación:** 29 de junio de 2015

Resumo

A organização e representação do conhecimento, considerada como uma das subáreas da Ciência da Informação está voltada ao estudo de processos que possibilitem o acesso aos registros do conhecimento (documentos diversos –, livros, pinturas, filmes, e-books etc.), a fim de que se tenha uma recuperação informacional adequada dos itens buscados. Neste sentido, revela-se a importância fundamental dos estudos documentários para o trabalho de tratamento da informação em bibliotecas e centros de informação, contribuindo para o fortalecimento epistêmico da área.

Palavras-Chaves

Conheciment – Epistemología – Ciência da Informação

Resumen

La organización y representación del conocimiento, considerado como uno de los subcampos de la Ciencia de la Información se dedica al estudio de los procesos que permiten el acceso a los registros de los conocimientos (documentos - libros, pinturas, películas, libros electrónicos, etc.) con el fin de recuperar la información adecuada de los artículos solicitados. En este sentido, resulta ser de importancia fundamental los estudios documentales, para el tratamiento del trabajo de información en las bibliotecas y centros de información, contribuyendo al fortalecimiento del área epistemológica.

Palabras Claves

Conocimiento – Epistemología – Ciencias de la Información

1.- Introdução

A organização e representação do conhecimento, considerada como uma das subáreas da Ciência da Informação está voltada ao estudo de processos que possibilitem o acesso aos registros do conhecimento (documentos diversos –, livros, pinturas, filmes, e-books etc.), a fim de que se tenha uma recuperação informacional adequada dos itens buscados. Neste sentido, revela-se a importância fundamental dos estudos documentários para o trabalho de tratamento da informação em bibliotecas e centros de informação, contribuindo para o fortalecimento epistêmico da área.

Embora ainda não haja consenso entre os pesquisadores da área da Ciência da Informação sobre os termos Organização da Informação e Organização do Conhecimento, Bräscher e Café¹, afirmam haver uma diferenciação entre o trabalho efetuado sobre informações e aquele realizado sobre o conhecimento. “O objetivo do processo de organização da informação é possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação”².

Tal processo abrange atividades sobre os registros do conhecimento, ou seja, descrevem-se características físicas e de conteúdo dos documentos, sendo sua representação o produto dessas atividades, ou seja, o conjunto de atributos que representam determinado objeto informacional.

Segundo Barreto³, a informação pode ser considerada como uma ferramenta de modificação da consciência dos indivíduos, pois é o elemento essencial da transferência de conteúdos.

Quando usamos o termo informação em Ciência da Informação, deveríamos ter sempre em mente que informação é o que é informativo para uma determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo (embora estas sejam frequentemente compartilhadas com membros de uma mesma comunidade de discurso)⁴.

A “apropriação” da informação para geração de novos conhecimentos deve diferir, portanto, de pessoa para pessoa, considerando que “uma mesma informação pode ter diferentes significados para diferentes pessoas e para a mesma pessoa em diferentes tempos”⁵. Isso devido à interpretação que cada um de nós realiza sobre determinada informação; na realidade é um ato de selecionar entre as possibilidades semânticas e pragmáticas de uma mensagem⁶, que depende do contexto e dos graus de limitação dos usuários.

¹ M. Bräscher y L. Café, Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In M. L. G. de Lara y J. W. Smit (Org.) Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / USP, 2010.

² M. Bräscher y L. Café, Organização da Informação ou Organização do Conhecimento... 91.

³ A. de A. A. Barreto, Estrutura do texto e a transferência da informação. Datagramazero – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, V. 6, N° 3 (2005).

⁴ R. Capurro y B. O. Hjørland, O conceito de informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, V: 12, N° 1 (2007) 154-155.

⁵ A. de A. A. Barreto, Estrutura do texto e a transferência da informação... 7.

⁶ R. Capurro y B. O. Hjørland, O conceito de informação...

Ocupando-se das questões informacionais com enfoque prioritário nos públicos utilizadores, concorda-se com Paul Otlet, que a informação deve tratar de fenômenos substancialmente sociais, uma vez que nasce na sociedade e a ela deve retornar⁷. É válido recordar a visão de Farradane, de que

[...] a informação deve ser entendida como algo físico: qualquer forma física de representação ou substituto do conhecimento ou de um pensamento particular, e utilizada para comunicação⁸.

Vale lembrar, também, que a informação e o conhecimento sempre estiveram atrelados ao poder e, por muito tempo, ficaram sob a “guarda” e a preservação de poucos, o que implicou “menores possibilidades de circulação social da informação”⁹.

Zins¹⁰ apresenta duas abordagens básicas para definir o conceito de conhecimento com as quais compartilhamos: o conhecimento como um pensamento do indivíduo ou do sujeito, e o conhecimento como objeto ou coisa.

O primeiro aborda condições do conhecimento na mente do indivíduo. Conhecimento é um pensamento que pode ser caracterizado como uma crença verdadeira justificada. [...] O segundo [...] é uma coleção de conceitos, argumentos, argumentações, e regras de inferência. Ele é verdadeiro e existe independentemente, não dependendo do conhecimento subjetivo ou individual¹¹.

Esse mesmo autor prossegue em suas considerações ao propor a organização do conhecimento sob uma perspectiva epistemológica¹² concluindo que todo conhecimento é produto de uma síntese, diferenciando o conhecimento empírico do teórico.

O conhecimento empírico é o produto de uma síntese de impressões empíricas ou conceitos pré-experimentais. Conhecimento teórico é o produto de uma síntese do material intelectual de alto nível de conceitos¹³.

Sob este prisma a Ciência Cognitiva explora estudos sobre o funcionamento da mente humana relatando a existência de graus de conhecimento que segundo Platão e Aristóteles¹⁴, se dividiam em dois: conhecimento sensível e conhecimento inteligível, de modo que o primeiro compreenderia crenças e opiniões e o segundo raciocínios e intuições intelectuais¹⁵.

⁷ N. Y. Kobashi y M. de F. G. M. Tálamo, Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. Transinformação, Campinas, SP, V: 15, N° especial (2003).

⁸ D. Bawden, Smoother pebbles and the shoulders of giants: the developing foundations of information science. Journal of Information Science, V: 34, N° 4 (2008) 419.

⁹ M. L. G. Lara, A construção da informação no universo da linguagem na contemporaneidade In M. L. G. Lara; A. Fujino y D. P. Noronha (Org.) Informação e contemporaneidade: perspectivas. Recife, PE: Néctar (2007) 153.

¹⁰ C. Zinns, Knowledge organization: an epistemological perspective. Knowledge Organization, V: 31, N° 1 (2004).

¹¹ C. Zinns, Knowledge organization: an epistemological perspective... 52.

¹² A análise epistemológica ajuda a distinguir entre dois tipos de estrutura do conhecimento: uma estrutura subjetiva ou cognitiva e outra objetiva ou externamente registrada.

¹³ C. Zinns, Knowledge organization: an epistemological perspective... 52.

¹⁴ Preservando as formas de integração desses níveis, diferentes para cada autor.

¹⁵ M. Chauí, Convite à Filosofia (São Paulo: Ática, 2009).

Para a Ciência da Informação, o interesse recai sobre o nível do conhecimento inteligível, pois trabalha-se com o conhecimento registrado embasado em estudos científicos. Contrariamente ao sensível (considerado como ilusório), o conhecimento inteligível pode ser considerado como conhecimento verdadeiro.

O pensamento é inerente à espécie humana, e permite, graças à assimilação de informações, a geração de conhecimentos, intermediadas por símbolos. Por esse motivo, a representação informacional de documentos é imprescindível para a transmissão da cultura.

2.- Organização e Representação do Conhecimento

Todo sistema de informação deve estar pautado nos objetivos institucionais e também na possibilidade de acesso e recuperação dos materiais buscados. Sob essa ótica, Belkin¹⁶ propõe pensar tal recuperação focada no usuário, ou melhor, no estado anômalo do conhecimento, trabalhando a questão da pergunta do usuário ao sistema em relação à informação desejada.

Faz sentido então lembrar a equação fundamental dessa ciência¹⁷, destacando que,

A absorção de informações em uma estrutura de conhecimento não pode causar uma simples adição, mas algum ajuste na estrutura, como uma mudança nas relações ligando dois ou mais conceitos já admitidos¹⁸.

Segundo Afzal e Thompson¹⁹, apesar da insistência dos estudos centrados apenas nos usuários (modelos mentais individuais), deve-se reconhecer que a ênfase sociocognitiva oferece mais suporte às pesquisas para a recuperação da informação, por enfatizar a importância do contexto e do conhecimento em uma percepção social mais ampla.

Além, contudo, de estar focalizada nas necessidades dos usuários e na relevância do sistema, é também proeminente pensar que os sistemas de informação devem atender públicos com necessidades distintas, fato que amplia a noção cognitiva ou sociocognitiva para uma concepção amparada em investigações culturais, que visam às “abordagens mais hermenêuticas e comportamentais para a transferência de informação”²⁰.

¹⁶ N. J. Belkin, Anomalous States of Knowledge as a Basis for Information Retrieval. The Canadian Journal of Information Science, V: 5 (1980).

¹⁷ $K[S] + \Delta I = K[S + \Delta S]$, na qual $K[S]$ representa a estrutura do conhecimento prévio, ΔI a agregação de uma nova informação, $K[S + \Delta S]$ a nova estrutura de conhecimento modificada, e ΔS o efeito dessa modificação. B. C. Brookes, The foundations of information Science: part 1 – philosophical aspects. Journal of Information Science, V: 2 (1980).

¹⁸ Brookes, B. C. The foundations of information Science... 131.

¹⁹ W. Afzal y K. M. Thompson, Contributions of cognitive science to information science: an analytical synopsis. Emporia State Research Studies, V: 47, N° 1 (2011).

²⁰ P. Ingwersen, Conceptions of Information Science. In P. Vakkari y B. Cronin, (ed.). Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives (London: Taylor Graham, 1992) 299.

2.1.- Sistemas de Organização do Conhecimento

Os sistemas de organização do conhecimento (SOC) são as ferramentas que permitem arranjar os documentos ou, representar o conhecimento, a partir de certa ordem, previamente estipulada, como são as listas de classificação, os tesouros, as listas de cabeçalhos de assuntos, entre outros.

A criação de mecanismos para “organizar” e “representar” o conhecimento e a informação permite a identificação de termos/conceitos e a análise de suas características, possibilitando o estabelecimento de relações.

Trabalhar com documentos envolve análise, interpretação e representação do material, construindo um novo tipo de “apresentação” chamada de informação documentária. Tais ações devem ser realizadas de acordo com os objetivos da instituição, tomando como base a linguagem dos usuários e dos materiais.

A Organização do Conhecimento propõe “ferramentas” de representação que possibilitam o tratamento do conteúdo, realizando atividades que se situam na intermediação da solicitação do usuário em relação à coleção da instituição, com a finalidade de proporcionar adequada recuperação da informação, conforme ilustra a figura abaixo.

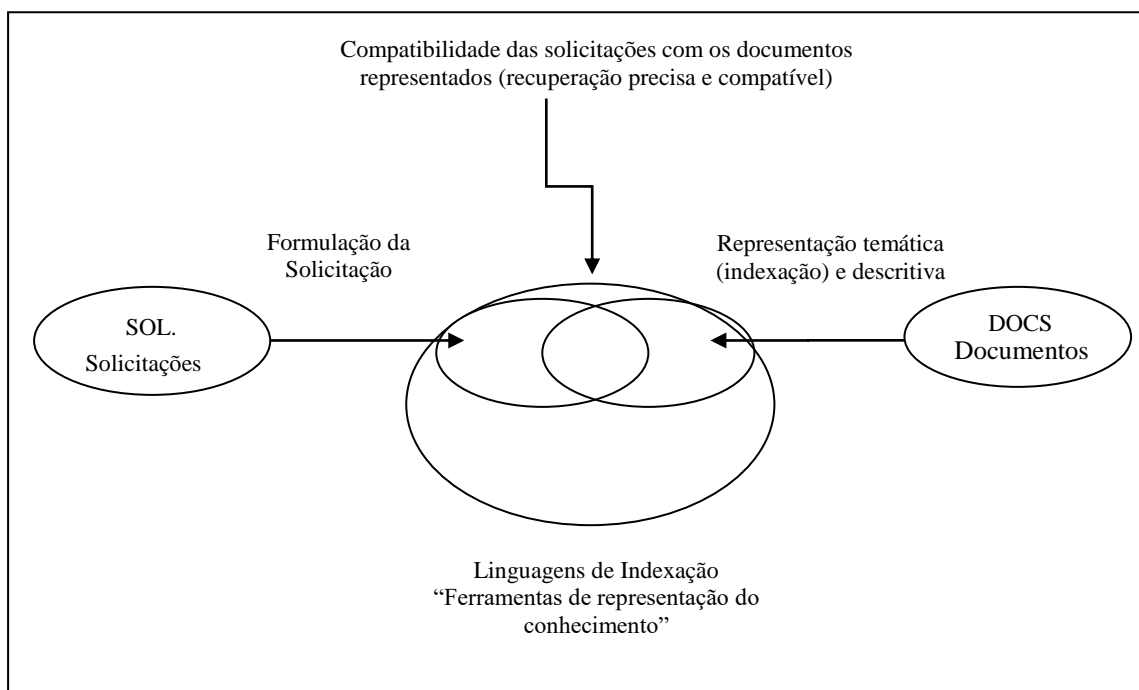


Figura 1
Esquema Funcional de um Sistema de Recuperação de Informação (SRI).
Fonte: Elaborado a partir de Kuramoto²¹

²¹ H. Kuramoto, Sintagmas nominais: uma nova abordagem no processo de indexação In M. M. L. Naves y H. Kuramoto (Orgs.) Organização da Informação: princípios e tendencias (Brasília DF: Briquet de Lemos, 2006) 120.

Sob essa ótica, concorda-se com HjØrland²², quando defende que a “Organização do Conhecimento [...] tem por objetivo apoiar a aprendizagem e as atividades de pesquisa”, disponibilizando acesso aos documentos e fomentando o interesse científico, artístico e cultural.

Segundo Broughton *et al.*²³, as funções básicas dos sistemas de organização do conhecimento são: facilitar a recuperação da informação; fornecer informações sobre documentos e efetuar o arranjo das prateleiras (ordenação). Para auxiliar tais trabalhos, Hodge²⁴, *apud* Friedman e Thellefsen²⁵, divide os tipos de sistemas de organização do conhecimento em três categorias principais, de forma a fornecer uma visão útil das mesmas, são elas:

- 1.- Listas de termos: arquivos de autoridade, glossários, dicionários e outros.
- 2.- Classificações e categorias: cabeçalhos de assunto, esquemas de classificação, taxonomias e esquemas de categorização.
- 3.- Listas de relacionamentos: tesouros, redes semânticas e ontologias²⁶.

Os sistemas de organização do conhecimento e o efetivo sucesso da recuperação informacional dependem de diversos fatores, dentre eles a elaboração de representações documentárias diretamente relacionadas com a articulação linguística.

2.2 Língua e linguagem

“No sentido mais corrente, *língua* é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade”²⁷ [o grifo é do autor]. É fundamental o compartilhamento e as relações desse “sistema de signos”, como reafirma um dos princípios essenciais da linguística moderna, enunciado por Ferdinand de Saussure,

Em uma língua, um signo só se define como tal no seio de um conjunto de outros signos. Ele tira seu valor e seu rendimento das oposições que contrai com eles. Um signo se define, portanto, por suas relações com aqueles que o envolvem [...]”²⁸.

A língua é tida como um “sistema supra-individual, na medida em que ela é definida não por um indivíduo, mas pelo grupo social a que pertence”²⁹.

²² B. HjØrland, What is Knowledge Organization (KO)? Knowledge Organization, V: 35, N° 2/3 (2008) 99.

²³ V. Broughton *et al.* Knowledge organization: European curriculum reflections on education in library and information science (Copenhagen: Royal School of Library and Information Science, 2005).

²⁴ G. Hodge, Systems of knowledge organization for digital libraries: beyond traditional authority files, 2000. Disponível em: www.clir.org/pubs/reports/pub91/contents.html.

²⁵ A. Friedman y M. Thellefsen, Concept theory and semiotics in knowledge organization. Journal of documentation, V: 67, N° 4 (2011) 646.

²⁶ G. Hodge, Systems of knowledge organization for digital... y A. Friedman y M. Thellefsen, Concept theory and semiotics in knowledge... 646.

²⁷ J. Dubois *et al.* Dicionário de linguística (São Paulo: Cultrix, 1973) 378.

²⁸ J. Dubois *et al.* Dicionário de linguística... 379.

²⁹ E. Lopes, Fundamentos da linguística contemporânea (São Paulo: Cultrix, 1993) 77.

A função mediadora da língua parece óbvia, permitindo a assimilação, perpetuação ou transformação da cultura, já que é por intermédio dela que se organizam os sistemas simbólicos pelos quais cada sociedade se identifica. Portanto, a linguagem verbal é matéria do pensamento e veículo da comunicação social³⁰.

Sob o olhar da Semiótica, o signo deve “ocupar o lugar de algo”, já que exerce a função de representar determinada “coisa”. Exemplificando, a fotografia de uma igreja, assim como a palavra igreja são signos (diferentes) do mesmo “objeto material”. No museu, tanto os objetos quanto as publicações impressas podem ser representados por meio da linguagem verbal, tradicionalmente instituída como veículo comunicativo; porém, não é a única forma possível, até porque existe, por exemplo, a interpretação de imagens por meio de códigos artísticos³¹.

A linguagem é apresentada como faculdade simbólica que revela o poder criativo e constitutivo da cultura informacional, pois, “além do seu funcionamento codificador, ela se propõe como representação, seja como insumo do processo social de geração de sentido, seja como resultado textual desse processo”³². Constatada sua relevância para os sistemas de informação e comunicação, a linguagem é também parte dos estudos documentários.

2.3 Documentação

De acordo com Borko³³, a Documentação ocupa-se da aquisição, armazenamento, recuperação e disseminação da informação, e tende a utilizar técnicas para o manejo de informações. Na prática, a documentação visa disponibilizar formas de acesso ao conhecimento para os usuários por meio de instrumentos diversos, como é o caso das linguagens documentárias que devem ser ferramentas “classificadoras” do conhecimento, que se utilizam de processos lógico-semânticos.

Assim, para alcançar o sucesso dos sistemas informacionais, a filosofia implícita da Documentação está alicerçada na identificação e na comunicação do conhecimento necessário³⁴, que auxilia o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural de uma sociedade.

Nesse sentido, Paul Otlet propõe um princípio que serve de base para a posterior elaboração da Classificação Decimal Universal. O pensamento de Otlet convida a refletir sobre a atividade de *síntese* de informações com mais afinco, visto que, tanto os recortes

³⁰ M. Petter, Linguagem, língua, lingüística In J. L. Fiorin (Org.). Introdução à Lingüística: 1. Objetos teóricos (São Paulo: Contexto, 2003).

³¹ Uma investigação sobre o tratamento informacional de obras de arte estritamente pictóricas (pinturas) foi tema do trabalho de mestrado desta mesma autora e constatou que a elaboração de produtos documentários especializados, como texto-síntese do conteúdo (intervalo escrito) e descritores, possibilita maior comunicação das obras, visto que tais produtos funcionam como fontes informacionais que originam novas pesquisas instigadas pelo interesse em adquirir mais conhecimento.

³² M. de F. G. M. Tálamo y M. L. G. Lara, O campo da lingüística documentária. Transinformação, Campinas, V: 18, N° 3 (2006) 205.

³³ H. Borko, Information Science: what is it? American Documentation, V: 19, N° 1 (1968)

³⁴ B. Hjørland, Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. Journal of documentation, V: 58, N° 4 (2002)

de assuntos e sua separação em fichas quanto o sistema de classificação possibilitam sintetizar informações de modo a agrupá-las de acordo com seus temas – é o princípio mono – (uma única) – gráfico (escrita)³⁵. Esse princípio propõe uma separação entre o conteúdo do documento e seu suporte, considerando que temas afins devem ficar alocados próximos uns dos outros.

A documentação pode ser vista também como atividade condicionante do processo de criação da memória coletiva, pois “armazena e organiza” informações, utilizando para isso a linguagem. Entende-se como memória coletiva a reunião dos bens materiais e imateriais criados pela humanidade, que juntamente com a cultura, chamada de “informacional”, deve possibilitar modos de comunicação diferenciados que permitirão o acesso ao domínio público da informação³⁶.

A linguagem como afirmava Otlet, é o “princípio organizador do conhecimento” e, de acordo com Tálamo e Smit³⁷,

A documentação otletiana tem na linguagem documentária (LD), no caso a CDU, um dos recursos mais potentes. Ao exercer a função de representação, a LD apresenta de modo atual e concreto os conteúdos.

As linguagens documentárias³⁸ (LDs) como linguagens normalizadas e construídas artificialmente têm na terminologia das áreas de especialidade a base para sua elaboração, pois “funciona como uma ferramenta para a compreensão e desenvolvimentos desta mesma área”³⁹.

As LDs são ferramentas criadas para a atividade de representação do conhecimento e é importante ressaltar que elas são elaboradas tendo como base determinada cultura, e, realizada de acordo com as necessidades econômicas e sociais, evoluindo de acordo com o contexto em que se encontram⁴⁰. São elaboradas com a preocupação de representar o conteúdo dos documentos, apresentando natureza metalinguística e análise semântica dos discursos através dos termos e suas definições⁴¹.

De modo geral, as linguagens documentárias são “ferramentas” pois “equipam-se” a fim de possibilitar o acesso informacional. É manifesto, portanto, que a Documentação é uma forma primorosa de tal acesso, visto que o ato de informar constitui, “de fato, práticas comprometidas com a renovação e organização cultural da sociedade”⁴².

³⁵ J. W. Smit, A documentação e suas diferentes abordagens. In M. Granato (Org.). Documentação em Museus. Rio de Janeiro: MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins, V: 1, (2008).

³⁶ M. de F. G. M. Tálamo y G. D. Maimone, Acesso ao bem cultural via estudos de informação: reflexões teóricas. Datagramazero – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, V: 13, N° 4 (2012).

³⁷ M. de F. G. M. Tálamo y J. W. Smit, Documentation: la mémoire es les systèmes de recherche d’information. Sciences de la Société, Toulouse – Paris, V: 68 (2006) 9.

³⁸ Ou sistemas de organização do conhecimento, como nomeia Hodge. G. Hodge, Systems of knowledge organization for digital libraries...

³⁹ M. de F. G. M. Tálamo y J. W. Smit, Documentation: la mémoire es les systèmes... 9.

⁴⁰ G. H. Freire, Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, MG, V: 11, N° 1 (2006).

⁴¹ J. W. Smit, Análise semântica e análise documentária. Significação, Ribeirão Preto, SP, V: 1, N° 1 (1974).

⁴² M. de F. G. M. Tálamo y G. D. Maimone, Acesso ao bem cultural via estudos de informação... 3.

Ratificando tal assertiva, a inquietação da Documentação em relação à necessidade do acesso aos documentos pela sociedade é claramente demonstrada com as iniciativas de vários estudiosos como Paul Otlet e Vannevar Bush.

Em seu artigo “*As we may think*”, Vannevar Bush clama por uma nova relação entre a capacidade de armazenamento humano de informações e a totalidade da produção de conhecimentos globais, já que, com a explosão bibliográfica, nenhum homem poderia reter todo conhecimento do mundo. Assim, propôs uma máquina –, o MEMEX –, que serviria como uma memória auxiliar para que as pessoas pudessem *recuperar* informações significativas para elas nos momentos oportunos. Bush esperava que os cientistas se voltassem para a difícil tarefa de tornar acessível o emaranhado estoque de conhecimentos⁴³. Assim, a preocupação com a recuperação da informação torna-se urgente.

A evolução rápida dos meios de comunicação e informação que experimentou a sociedade desde meados do século passado foi uma das responsáveis pelas mudanças sofridas nos modos de recuperar a informação.

A recuperação da informação passa de um processo não interativo para outro altamente interativo; de bases de documentos para bases de conhecimento; de textos escritos para multimídia; de recuperação de citações para recuperação de textos completos e até para sistemas especializados e respostas a questões etc.⁴⁴.

Nos museus e nas pinacotecas, esta afirmativa também é verdadeira, pois com a possibilidade de acesso remoto às representações dos documentos os processos de pesquisa tornaram-se mais interativos, possibilitando a navegação em bases de conhecimento, opções de vídeos e fotos atualizadas do acervo, bem como a recuperação de informações por sistemas específicos.

A recuperação da informação torna possível a geração de conhecimentos e o aprendizado sobre determinado assunto. De acordo com Jorente, Madio e Santos⁴⁵, é a possibilidade de constante aprendizagem que diferencia o homem dos outros animais, propiciada a partir de codificações (impresas, imagéticas, orais, etc.) desenvolvidas tendo como base a linguagem do grupo convival.

Um aspecto importante na aprendizagem e/ou apropriação da informação é a leitura realizada dos materiais informativos, que são assimilados segundo seus níveis de entendimento contextual. Deduz-se, então, que cada indivíduo possui uma “bagagem” de conhecimentos à qual integrará ou não uma nova informação a partir do significado atribuído à mesma.

⁴³ V. Bush, *As we may think*. The Atlantic Magazine, V: 176, N° 1 (1945). Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/3881/>>. Acesso em: 04 maio 2011.

⁴⁴ T. Saracevic, *Information Science: origin, evolution and relations* In P. Vakari y B. Cronin, *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives* (London: Taylor Graham, 1992) 8.

⁴⁵ M. J. V. Jorente; T. C. Madio y P. L. V. A da C. Santos, *Imagem, fotografia, imagem* In M. L. G. Lara y J. W. Smit (Orgs.). *Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 2010. Disponível em: <http://www.pos.eca.usp.br/index.php?q=pt-br/ciencia_da_informacao/publicacoes>. Acesso em: 30 nov. 2010.

A leitura é realizada a partir da decodificação de uma mensagem enviada por um emissor, de modo que a atividade do receptor (de decodificar e interpretar uma informação) é fundamental para o adequado entendimento do texto.

Porém, Barthes vai além ao afirmar que ocorre uma “inversão dialética”, na qual o receptor não mais decodifica e sim “sobrecodifica” ao se deixar atravessar pelas linguagens, não decifra, produz –, é o chamado “paradoxo do leitor”⁴⁶.

Esta nova “produção” (assimilação) de informações pode ser incorporada em pesquisas e publicada (comunicada) para que as comunidades científicas tomem ciência. Por sua vez, após a publicação, o conhecimento poderá ser distribuído e socialmente organizado, uma vez que, é produzido, comunicado, recebido, sobrecodificado e/ou utilizado, formando e transformando constantemente a memória social de um povo.

A memória social não é um produto acabado, mas constitui um espaço dinâmico de construção coletiva, no qual se re-significam e re-valorizam continuamente fenômenos e ideias que canalizam, aceleram ou travam os processos de transformação política e cultural⁴⁷.

Os fluxos informacionais influenciam diretamente a composição da memória social ou do conhecimento compartilhado de forma que o processo de comunicação tem na transmissão de informações seu objetivo mais pungente, pois

[...] tenta, de forma mais eficiente possível, entrar em cena para ajudar a fazer história, com o objetivo claro de gerar patrimônio e formar raízes para evitar o desaparecimento dos conhecimentos e da cultura. [...] Transmitimos para que o que vivemos, cremos e pensamos não venha a morrer conosco⁴⁸.

Assim sendo, a propagação de informações para a geração de conhecimento torna-se fundamental para “assegurar as bases para a construção e preservação da identidade cultural dos grupos sociais”⁴⁹.

3.- Considerações Finais

Tendo como base o trato informacional, verifica-se que, em grande parte, os problemas de informação estão relacionados com problemas de linguagem. As atividades de organização e difusão da informação não se baseiam em verbalizações, mas sim numa elaboração de sequências organizadas em linguagem construída, com o intuito de solucionar problemas vinculados aos processos simbólicos que proporcionam o encontro informação/usuário⁵⁰.

⁴⁶ R. Barthes y A. Compagnon, “Leitura”, in Enciclopédia Einaudi (Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994) y C. R. Lucas, *Leitura e interpretação em biblioteconomia* (Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000).

⁴⁷ M. Barité, *Organización del conocimiento y gestión de la memoria social*. In *Seminário Internacional História e Energia: memória, informação e sociedade*, 3, 2010, São Paulo. Anais... São Paulo: Fundação energia e saneamento, 2010) 22.

⁴⁸ H. F. Gomes, *A interligação entre Comunicação e Informação*. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, V: 11, N° 3 (2010) 10. Disponível em: <www.dgz.org.br>. Acesso em: 22 set. 2010.

⁴⁹ H. F. Gomes, *A interligação entre Comunicação e Informação*... 12.

⁵⁰ M. de F. G. M. Tálamo y M. L. G. *O campo da linguística documentária*...

A informação, quando representada de modo idôneo, colabora com o processo de desenvolvimento intelectual da sociedade, pois acrescenta e modela o conhecimento dos indivíduos. Uma vez registrado, o conhecimento deve ser tratado com o fim de preservar a memória social de um ou mais povos. A Ciência da Informação, portanto, constrói uma informação, dita documentária, a fim de favorecer o encontro do material buscado pelos usuários. Sendo assim, a organização e representação do conhecimento são processos documentários que colaboram diretamente para a recuperação informacional.

Referências

Afzal, W. y Thompson, K. M. Contributions of cognitive science to information science: an analytical synopsis. *Emporia State Research Studies*, V: 47, N° 1 (2011).

Almeida, M. C. B. de. A informação nas áreas de arte: um olhar além das práticas. In Lara, M. L. G. de; Fujino, A. y Noronha, D. P. (Orgs.). *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2007.

Barité, M. Organización del conocimiento y gestión de la memoria social. In *Seminário Internacional História e Energia: memória, informação e sociedade*, 3, 2010, São Paulo. São Paulo: Fundação energia e saneamento, 2010.

Barreto, A. de A. A estrutura do texto e a transferência da informação. *Datagramazero – Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, V. 6, N° 3 (2005).

Barthes, R. y Compagnon, A. “Leitura”, in *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

Bawden, D. Smoother pebbles and the shoulders of giants: the developing foundations of information science. *Journal of Information Science*, V: 34, N° 4 (2008).

Belkin, N. J. Anomalous States of Knowledge as a Basis for Information Retrieval. *The Canadian Journal of Information Science*, V: 5 (1980).

Borko, H. Information Science: what is it? *American Documentation*, V: 19, N° 1 (1968).

Bräscher, M. y Café, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In.: Lara, M. L. G. de y Smit, J. W. (Org.). *Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / USP, 2010.

Brookes, B. C. The foundations of information Science: part 1 – philosophical aspects. *Journal of Information Science*, V: 2 (1980).

Broughton, V. et al. Knowledge organization: European curriculum reflections on education in library and information science. Copenhagen: Royal School of Library and Information Science, 2005.

Bush, V. As we may think. *The Atlantic Magazine*, V: 176, N° 1, jul./ 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/3881/>>. Acesso em: 04 maio 2011.

Capurro, R. y Hjørland, B. O conceito de informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, V: 12, N° 1 (2007).

Cerávolo, S. M. y Tálamo, M. de F. G. M. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, V: 10 (2000).

Chauí, M. Convite à Filosofia. 13. ed. São Paulo: Ática, 2009.

Dahlberg, I. Teoria do conceito. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, V: 7, N° 2 (1978).

Dubois, J. et. al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.

Ducheyne, S. Paul Otlet's theory of knowledge and linguistic objetivismo. Knowledge Organization, V: 32, N° 3 (2005).

Freire, G. H. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, MG, V: 11, N° 1 (2006).

Friedman, A. y Thellefsen, M. Concept theory and semiotics in knowledge organization. Journal of documentation, V: 67, N° 4 (2011).

Gardin, J-C. Document analysis and linguistic theory. Journal of documentation, V: 29, N° 2 (1973).

Gomes, H. F. A interligação entre Comunicação e Informação. DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, V: 11, N° 3, jun. / 2010. Disponível em: <www.dgz.org.br>. Acesso em: 22 set. 2010.

Hjørland, B. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. Journal of documentation, V: 58, N° 4 (2002).

Hjørland, B. What is Knowledge Organization (KO)? Knowledge Organization, V: 35, N° 2/3, (2008).

Hodge, G. Systems of knowledge organization for digital libraries: beyond traditional authority files, 2000. Disponível em: www.clir.org/pubs/reports/pub91/contents.html.

Ingwersen, P. Conceptions of Information Science. In Vakkari, P. y Cronin, B. (ed.). Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives. London: Taylor Graham, 1992.

ISO 1087-1 (2000). Terminology work: Vocabulary, Part 1: theory and application/Travaux terminologiques - Vocabulaire - Partie 1: théorie and application. Genève: International Standard Organization.

Jorente, M. J. V.; Madio, T. C. de C. y Santos, P. L. V. A. da C. Imagem, fotografia, imagem. In Lara, M. L. G. de Smit, J. W. (Orgs.). Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 2010. Disponível em: <http://www.pos.eca.usp.br/index.php?q=pt-br/ciencia_da_informacao/publicacoes>. Acesso em: 30 nov. 2010.

Kobashi, N. Y. y Tálamo, M. de F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. *Transinformação*, Campinas, SP, V: 15, N° especial (2003).

Kuramoto, H. Sintagmas nominais: uma nova abordagem no processo de indexação. In Naves, M. M. L. y Kuramoto, H. (Orgs.) *Organização da Informação: princípios e tendências*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

Lara, M. L. G. de. A construção da informação no universo da linguagem na contemporaneidade. In: Lara, M. L. G. de; Fujino, A. y Noronha, D. P. (Org.) *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife, PE: Néctar, 2007.

Le Coadic, Y.-F. *A Ciência da Informação*. 2. ed. rev. e atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

Lima, V. M. A. Da classificação do conhecimento científico aos sistemas de recuperação da informação: enunciação de codificação e enunciação de decodificação da informação documentária. 2004. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2004.

Lopes, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

Lucas, C. R. *Leitura e interpretação em biblioteconomia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

Marteleto, R. M. O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. In Lara, M. L. G. de; Fujino, A. y Noronha, D. O. (orgs.). *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2007.

Otlet, P. *Traité de documentation: le livre sur le livre*. Bruxelles: Editions Mundaneum, 1934. Disponível em: <http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2010.

Petter, M. Linguagem, língua, lingüística. In Fiorin, J. L. (Org.). *Introdução à Lingüística: 1. Objetos teóricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Rayward, W. B. The origins of information Science and the International Institute of Bibliography / International Federation for Information and Documentation (FID). *Journal of the American Society for Information Science*, V: 48 (1997).

Saracevic, T. Information Science: origin, evolution and relations. In Vakari, P. y Cronin, B. *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992.

Smit, J. W. A documentação e suas diferentes abordagens. In Granato, M. (Org.). *Documentação em Museus*. Rio de Janeiro: MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins, V: 1 (2008).

Smit, J. W. Análise semântica e análise documentária. *Significação*, Ribeirão Preto, SP, V: 1, N° 1 (1974).

Contribuições da Organização e Representação do Conhecimento para a epistemologia do campo da Ciência da Informação pág. 75

Tálamo, M. de F. G. M. Terminologia e documentação. Tradterm: revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia FFLCH/USP, São Paulo, V: 1, N° 7 (2001).

Tálamo, M. de F. G. M. y Lara, M. L. G. de. O campo da linguística documentária. Transinformação, Campinas, V: 18, N° 3 (2006).

Tálamo, M. de F. G. M. y Maimone, G. D. Acesso ao bem cultural via estudos de informação: reflexões teóricas. Datagramazero – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, V: 13, N° 4 (2012).

Tálamo, M. de F. G. M. y Smit, J. W. Documentation: la mémoire es les systèmes de recherche d'information. Sciences de la Societé, Toulouse – Paris, V: 68 (2006).

Zinns, C. Knowledge organization: an epistemological perspective. Knowledge Organization, V: 31, N° 1 (2004).

Para Citar este Artículo:

Maimone, Giovana Deliberali y Tálamo, Maria de Fatima Goncalves Moreira. Contribuições da Organização e Representação do Conhecimento para a epistemologia do campo da Ciência da Informação. Rev. Cs. Doc. Vol. 1. Num. 3. Julio-Septiembre (2015), ISSN 0719-5753, pp. 61-75.

221 B
WEB SCIENCES

Revista
CD
Ciencias de la
Documentación

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Ciencias de la Documentación**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Ciencias de la Documentación**.